

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	8
I . A CASA, O MENINO, A CIDADE	13
II . O GUARUJÁ	21
III . UMA NOVA VIDA, UM NOVO BAIRRO	29
IV . COLÉGIOS E ESTUDOS	37
V . AS RUAS, AS CASAS E OS AMIGOS	43
VI . AS CORRIDAS DE AUTOMÓVEL	51
VII . OS LIMITES DA CIDADE: O CAMPO DA VASE, A REPRESA	57
VIII . O AEROVÍRUS	67
IX . O COMÉRCIO, NO CENTRO	75
X . OS BANCOS	81
XI . AS IGREJAS E OS PADRES	87
XII . O FUTEBOL	91
XIII . A FAZENDA SÃO BENTO DO JARDIM	97
XIV . OUTRAS VIAGENS	103
AS FRASES DO MEU AVÔ	110
DIFERENÇAS ENTRE SÃO PAULO E RIO	111

CAPÍTULO I



A CASA,
O MENINO
E A CIDADE



Acima, a casa da Rua Argentina, antes da reforma. Abaixo, durante a reforma. Note-se que o portão ainda era o mesmo.



Após a reforma



Até novembro de 1943 morávamos com meus avós à Rua Argentina, 711, Jardim América, endereço onde hoje fica a secretaria da Sociedade Harmonia de Tênis. Todas as residências localizadas no quarteirão entre as ruas Canadá, Argentina, praça Califórnia e avenida Brasil davam acesso ao Clube Harmonia através de um portão particular. O lugar fazia às vezes de “quintal” dos proprietários e praticamente nesse espaço fomos criados.

Na frente da casa havia um enorme jardim, onde existiam diversas ameixeiras, uma de cada um de meus irmãos. Tínhamos ainda um cão policial, chamado Penny, que era nosso companheiro de brincadeiras, e que me acompanhou nos meus primeiros passos de criança.

A Rua Argentina transcorria pacata, apenas movimentada de quando em quando por um ônibus amarelo e preto, batizado com o número 41. Ele seguia para a “cidade” – como era conhecido o Centro de São Paulo. À noite, ouvíamos o apito do guarda noturno circulando de bicicleta pelo bairro em sua ronda cotidiana. Nas fachadas, apareciam placas de latão com a figura de um cachorro, indicando que os moradores eram assinantes/contribuintes da Guarda Civil. Três vezes por semana, um vendedor

de frutas numa carroça, puxada por um cavalo tordilho muito manso, passava em frente à nossa casa, cantarolando sua lenta toada:

*“Uva, uva, uva,
uva do Marengo,
uva fresca e boa
a dois mil-réis o quilo!”*

Também me lembro de um senhor que, puxando uma carrocinha do tipo “burro em pé”, entoava em alto e bom tom seu refrão “papéis, jornais e garrafas, vai tudo pro garrafeiro”, para recolher tudo o que sobrava nas casas por onde passava.

A dois quarteirões, na Rua Colômbia, passava o bonde 10 – itinerário Jardim América -, cujo balão era feito na praça Vaticano. As distâncias de São Paulo ainda eram vencidas sobre trilhos e na velocidade

de bondes. O bonde número 14 - Jardim Paulistano - saía pela direita na Avenida Brasil e descia a Rua Dona Hipólita (atual Gabriel Monteiro da Silva - este, até onde sei, além de um homem democrata, como anunciavam as placas da rua, teria sido genro da homenageada dona Hipólita). A rotatória do bonde 14 ficava na esquina da Rua Juquiá, perto da Graded School e defronte ao terreno onde mais tarde se ergueria um supermercado Pão de Açúcar (Sirva-Se). No tempo de minha infância, a casa da rua Argentina passou por uma grande reforma com projeto da conceituada empresa Bratke & Botti, na qual um dos sócios era o doutor Oswaldo Arthur Bratke, amigo de toda vida de meu pai.



Bons tempos, no jardim

O Jardim América e o Jardim Europa, empreendimentos da Cia. City, tinham características urbanísticas peculiares, com ruas sombreadas cheias de curvas. Os Jardins originais eram só esses dois e ficavam entre as ruas Estados Unidos e Iguatemi, atual avenida Faria Lima. A avenida 9 de Julho e a rua Atlântica compunham o outro limite longitudinal, sendo que a rua Dona Hipólita já era considerada área do Jardim Paulistano. As ruas do Jardim América tinham e têm nomes de países ou cidades das três Américas. As do Jardim Europa, claro, homenageiam o Velho Continente. Nessa lição de geografia batizou-se uma rua com o nome Groenlândia, divisa entre o Jardim América e o Jardim Europa. Ainda hoje, o mundo se encontra nessa fronteira. Quem passeia por essa região de São Paulo experimenta um giro pelo mapa-múndi. Vias que cruzam a Groenlândia mudam de nome e remetem a outros continentes: a rua Canadá vira rua França; a rua México passa a se chamar rua Espanha. E assim por diante, como que marcando a transição entre os dois continentes.

Os circunvizinhos Jardim Paulistano e Jardim Paulista não tinham a mesma estirpe dos valorizados Jardins América e Europa. Ali os traçados perdiam a sinuosidade, os terrenos ficavam menores e o adensamento, maior. Houve época em que nem todas as vias eram asfaltadas, o que sugeria uma velada discriminação em relação a seus moradores. Lembro-me muito bem de que, quando nos mudamos para a General Fonseca Teles, Jardim Paulista, nossa rua não tinha asfalto!

TRAÇADOS E NOMES



Barbearagem no Jardim América

PRIMEIRO SUSTO E ALGUMAS DELÍCIAS

Um dia, ainda na casa da Rua Argentina, meus irmãos e eu – tínhamos entre 4 e 6 anos – inventamos de oferecer 5 mil-réis para o vendedor de frutas comprovar a mansidão do seu cavalo. Foi assim a aposta: o homem deveria passar por baixo das pernas do bicho. Aceito o desafio, veio o susto: o cavalo andou, o vendedor ficou preso embaixo da carroça e uma das rodas passou por cima de sua perna. O coitado quase desmaiou. Foi trazido para dentro de casa, deram-lhe água e, finalmente, ele foi embora mancando, enquanto nós recebíamos uma bela e dolorida lição.

Recordo-me também de minha avó Maria preparando gelatina na cozinha, utilizando folhas de uma gelatina verde dura fervidas e coadas em um enorme tripé colocado sobre a pia. As refeições semanais eram sempre as mesmas a cada dia da semana: segunda-feira um viradinho à paulista; quinta-feira bife de fígado; e a sempre esperada macarronada com salsicha aos domingos.

CLUBE HARMONIA, EXTENSÃO DA FAMÍLIA

A Sociedade Harmonia de Tênis surgiu como fruto da fusão da Sociedade Paulista de Tênis com a Sociedade Harmonia de Danças, em 1930. No início, a área hoje ocupada pelo Clube era uma servidão da Companhia City (The City of São Paulo Improvements and Land Freehold Company Limited) – de uso exclusivo dos moradores daquela quadra, desde os tempos do lançamento do Jardim América em 1917. Os proprietários das casas que davam fundos para essa área limitada pela Avenida Brasil, Rua Argentina, Rua Canadá e Praça Califórnia decidiram conjuntamente abrir mão dos direitos à servidão e criaram as condições para a incorporação de um clube. Este empreendimento contava com uma sede com arquitetura

A piscina e a pérgola



art nouveau, duas piscinas e cerca de quinze quadras de tênis, além do estádio principal onde brilharia a estrela de Alcides Procópio, o primeiro grande nome no tênis do clube. Foi lá que todos tivemos nossas primeiras aulas de natação, vestindo umas rudimentares boias feitas de quadrados de cortiça e pendurados pelo gancho do temível “Seu” Pereira. Tínhamos todos um medo danado de que ele soltasse o gancho e nos deixasse no meio da piscina e na verdade era o que ele fazia quando achava que já éramos capazes de nadar por nós mesmos! O clube era extensão de nossos lares, todo mundo se conhecia. Cada casa tinha um portão nos fundos que dava para o clube, e por ele entrávamos nas casas dos amigos, sem maiores problemas.



A arquitetura antiga do Clube e os *maillots* da época

Meu avô Heitor era dono de um grande terreno na Rua General Fonseca Teles, no Jardim Paulista. Ele acabou desmembrando essa propriedade e doou os lotes a cada um dos filhos que ainda não tinha casa própria, à medida que iam se casando. Só meu Tio Luiz não entrou nessa partilha porque, já casado, morava na Rua Portugal, numa casa que havia sido presente de casamento dos pais dela.

Meu pai foi o primeiro a empreender mãos à obra e erguer sua casa na Fonseca Teles, para onde nos mudamos em novembro de 1943. O projeto e a construção levaram a assinatura de seu grande amigo Oswaldo Arthur Bratke. Lembro-me bem da chopada preparada para comemorar o término da montagem do telhado, com pedreiros colocando uma pequena árvore na cumeeira para celebrar o importante feito! Coisas que hoje já não se fazem mais, mas essas Festas da Cumeeira eram bastante significativas. Nossa casa, construída em um terreno de 16 x 38 metros, custou à época a enorme quantia de 160 contos de réis, e recebeu o número 505. Depois, aos poucos, foram vindo as de nossos vizinhos – a do tio Paulo, no número 503; de meu avô, que passou a morar com sua filha Antonietta após a morte de sua esposa (a vovó Maria) em fevereiro de 1946, no 479; a do tio Alberto, no 443; e finalmente a última, do tio Augusto, no 435. Foi assim, de construção em construção,

NOSSA CASA EM OUTRO JARDIM



A Rua General Fonseca Teles, em 1946

A construção da casa da Rua Fonseca Teles, e o "Cinza", com seu gasogênio Mercury, em primeiro plano



que a pequena rua passou a abrigar uma grande família! Para não perder o registro da geografia mutante de São Paulo, vale recuperar: o Jardim Paulista original estava circunscrito entre as avenidas Nove de Julho e Brigadeiro Luís Antonio, limitado ao norte pela Rua Estados Unidos e ao sul pela Avenida Anajás, atual São Gabriel. Eram ruas de terra e as placas de identificação tinham cor verde, em vez de azul, indicando que eram vias ainda provisórias sem todos os serviços municipais. A Avenida Nove de Julho terminava mesmo na Rua Groenlândia, e de lá até a Rua Iguatemi era um mato, cortado ao meio por um riacho atravessado por algumas pinguelas de madeira que serviam também para os meninos do bairro apanharem escorpiões e aqueles minúsculos peixinhos pretos que viviam em suas águas. Lembro-me como se fosse hoje da minha primeira viagem a Curitiba, no Paraná, em setembro de 1946, no *Ferdinando*, um Ford 1946 de duas portas que meu pai havia



comprado em abril no revendedor Irmãos Vasone. Era uma longa viagem de carro, um dia inteiro, por estradas poeirentas e sinuosas; no roteiro, Cotia, Una, Piedade, Pilar, São Miguel Arcanjo, Capão Bonito, Guapiara, Apiaí, Ribeira, e entrando já no Paraná, Furnas, Pedra Preta, Bocaiuva, Atuba e finalmente Curitiba. Eu ficava com muita pena dos curitibanos, porque as placas das ruas eram – e ainda são – verdes. Em minha inocência de menino, achava que os moradores não dispunham dos serviços municipais!



A casa pronta, finalmente, em 1943, com a rua ainda sem asfalto, com poucos vizinhos